

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

I78

Islã: o credo é a conduta / [textos selecionados de] Frithjof Schuon, Seyyed Hossein Nasr. . . [et al.]; tradução, [seleção e organização dos textos] de Arminda Eugenia Campos e Roberto S. Bartholo Jr. – Rio de Janeiro: Imago Ed.: ISER, 1990.

(Coleção Religião e Modernidade; 2)

Dados biográficos dos autores.

Glossário.

Bibliografia.

ISBN 8-312-0095-4

I. Islamismo. I. Schuon, Frithjof. II. Nasr, Seyyed Hossein. III. Campos, Arminda Eugenia. IV. Bartholo Jr., Robert S. V. Instituto Superior de Estudos da Religião. VI. Série.

CDD – 297

CDU – 297

Autores: Arminda Eugenia Campos, Roberto S. Bartholo Jr., Frithjof Schuon, Allahbaksh K. Brohi, Seyyed Hossein Nasr, Syed Ali Ashraf, Abdur-Rahman Ibrahim Doi, Syed Husain M. Jafri, Titus Burckhardt, Muhyddin ibn 'Arabi, Annemarie Schimmel, Abu Bakr Siraj Ad-Din, Murtada Mutahhari.

Islã - O credo é a conduta

Tradução, seleção e organização dos textos de Arminda Eugenia Campos e Roberto S. Bartholo Jr.

(Coleção Religião e Modernidade)



E



IMAGO EDITORA

– Rio de Janeiro –

O Significado Espiritual de *Jihād*

Seyyed Hossein Nasr*

“Aos que combatem por Nós conduzi-los-emos às nossas sendas. Deus está com os que fazem o bem.” (Corão XXIX, 69)

“Vocês retornaram do *jihād* menor para o *jihād* maior.”
(*hadīth*)

Hoje não há, provavelmente, nenhuma questão relacionada ao Islã tão sensível e tão debatida como a do *jihād*. Discutido tanto pelos *mass media* quanto em trabalhos acadêmicos, os vários significados dados ao termo não se baseiam apenas em visões divergentes de intérpretes ocidentais, mas refletem também as diferenças profundas que existem entre os tradicionalistas e os “fundamentalistas” na interpretação deste conceito crucial. No momento atual, em que a imagem do Islã no Ocidente depende tanto da compreensão do significado de *jihād*, é de extrema importância compreender a maneira pela qual o Islã tradicional concebeu essa idéia-chave ao longo das épocas e a forma como se relaciona com a espiritualidade.

O termo árabe *jihād*, geralmente traduzido para línguas européias como “guerra santa”, com base mais em seu uso jurídico no Islã do que em seu significado mais universal no Corão e nos *ahādīth*, é derivado da raiz *jhd*, cujo significado primário é “empenhar-se”, “esforçar-se”. Sua tradução como “guerra santa”, combinada com a noção errônea, prevalecente no Ocidente, do Islã como a “religião da espada”, ajuda a eclipsar seu significado interior e espiritual e a distorcer sua conotação. O aparecimento no palco da história, durante o último século, e especialmente durante os últimos anos, de uma sucessão de movimentos revolucionários ou, em maior parte, “fundamentalistas”, no interior do movimento islâmico, os quais freqüentemente opõem-se uns aos outros e usam o termo *jihād* ou um de seus derivados, tampouco ajuda a tornar conhecida toda a importância de seu significado tradicional, o único a nos interessar aqui. Ao contrário, recentes distorções

* Extraído de *Traditional Islam in the Modern World*. Londres, KPI, 1987.

e mesmo a total inversão do significado de *jihād*, como foi entendido por muito tempo pelos muçulmanos, tornaram mais difícil que nunca compreender este importante conceito religioso e espiritual.

Para compreender o significado espiritual de *jihād* e sua larga aplicação a quase todo aspecto da vida humana como é entendida pelo Islã, é necessário lembrar que o Islã se fundamenta na idéia de estabelecer o equilíbrio no interior da existência do homem, assim como na sociedade humana na qual esse homem age e realiza os objetivos de sua vida terrena. Esse equilíbrio, que é o reflexo terrestre da Justiça Divina e a condição necessária para a paz no domínio humano, é a base sobre a qual a alma se eleva em direção daquela paz que, usando termos cristãos, "ultrapassa todo entendimento". Se o Cristianismo considera que a finalidade da vida espiritual e sua própria moralidade se baseiam no movimento vertical em direção à perfeição e ao ideal encarnados por Cristo, o Islã considera que se baseiam no estabelecimento de um equilíbrio, tanto externo quanto interno, que é a base necessária para essa ascensão vertical. A própria estabilidade da sociedade islâmica através dos séculos, a imutabilidade das normas islâmicas reunidas na *sharī'ah*, e o caráter atemporal da civilização islâmica tradicional, que é consequência de seu protótipo permanente e imutável, tudo isso são reflexos do ideal de equilíbrio e de sua concretização. Esse equilíbrio, que é tão evidente, tanto nos ensinamentos da *sharī'ah* (ou Lei Divina) quanto nas obras-de-arte islâmica, é inseparável do próprio nome de *islām*, na medida em que diz respeito a *salām*, ou paz.

A preservação do equilíbrio neste mundo, entretanto, não significa simplesmente uma passividade estática ou inativa, já que a vida, por sua natureza, implica movimento. Em face das contingências do mundo da mudança, do efeito devastador do tempo, das vicissitudes da existência terrena, permanecer em equilíbrio exige esforço contínuo. Significa realizar *jihād* em cada fase da vida. Sendo a natureza humana o que é, dada ao esquecimento e ao sofrimento, através da conquista de nossa alma imortal pela alma carnal ou pelas paixões, o próprio processo da vida, no indivíduo como na coletividade humana, implica o risco sempre presente de perda do equilíbrio, de queda no estado de desequilíbrio que, se permitirmos que continue, só pode levar à desintegração, no nível individual, e ao caos, na escala de vida comunitária. Para evitar esse trágico fim e realizar a entelúquia do estado humano, que é a realização da unidade (*at-tawhīd*) ou integração total, os muçulmanos, como indivíduos e como membros da sociedade islâmica, devem

realizar *jihād*; ou seja, precisam se esforçar em todos os momentos da vida para travar uma batalha, tanto interna quanto externa, contra as forças que, se não forem combatidas, destruirão esse equilíbrio necessário. Esse fato é especialmente verdadeiro se a sociedade é considerada como uma coletividade que porta a marca da Norma Divina, e não um agregado de unidades e forças opostas e em luta.

O homem é ao mesmo tempo um ser espiritual e corporal; um microcosmo completo em si mesmo. Contudo, é também membro de um sociedade, em cujo interior, apenas, são desenvolvidos certos aspectos de sua existência e satisfeitas algumas de suas necessidades. Possui, ao mesmo tempo, uma inteligência cuja substância é definitivamente de caráter divino, e sentimentos que podem ou velar sua inteligência ou animar sua busca por sua própria origem. Encontram-se nele tanto o amor como o ódio, a generosidade e a cobiça, a compaixão e a agressão. Além disso, já existiram até agora não só uma, mas várias "humanidades", cada qual com suas próprias normas religiosas e morais distintas; além de grupos nacionais, étnicos e raciais, com seus próprios laços de filiação. Como resultado disso, a prática do *jihād*, aplicada ao mundo da multiplicidade e das vicissitudes da existência humana no mundo exterior, veio a adquirir numerosas ramificações no campo da atividade política e econômica, como na vida social, e, como consequência, veio a compartilhar, no nível exterior, da complexidade que caracteriza o mundo humano.

Em seu senso mais externo, *jihād* veio a significar a defesa do *dār al-islām*, isto é, do mundo islâmico, contra a invasão e a intrusão de forças não-islâmicas. As primeiras guerras da história islâmica, que ameaçaram a própria existência da jovem comunidade, passaram a ser conhecidas como *jihād par excellence*, nesse sentido externo de "guerra santa". Entretanto, foi após o retorno de uma dessas guerras iniciais, de suprema importância para a sobrevivência da recém-estabelecida comunidade religiosa, e, portanto, de importância cósmica, que o Abençoado Profeta disse a seus companheiros que tinham voltado da guerra santa menor para a maior: a batalha interior contra todas as forças que impediriam o homem de viver de acordo com a norma teomórfica que é sua natureza primordial e concedida por Deus.

Através de toda a história islâmica, o chamado para a guerra santa menor ecoou no mundo islâmico quando partes ou a totalidade desse mundo foram ameaçadas por forças de fora ou de dentro. Esse chamado tem sido especialmente persistente a partir do século XIII/XIX, com o advento do colonialismo e a ameaça criada para a própria existência

do mundo islâmico. Deve ser lembrado, entretanto, que mesmo nos casos em que a idéia de *jihād* foi evocada em algumas partes do mundo islâmico, não foi, geralmente, uma questão da religião simplesmente sancionar a guerra, mas, ao contrário, da tentativa de uma sociedade, na qual a religião permanece de importância central, de proteger-se de ser conquistada por forças militares e econômicas ou por idéias de natureza estranha. No entanto, isto não significa que em alguns casos, em especial nos últimos tempos, os sentimentos religiosos não tenham sido usados, ou abusados, para intensificar ou legitimar um conflito. Mas, para dizer o mínimo, o mundo islâmico não detém o monopólio desse abuso, como a história de outras civilizações, incluindo as do ocidente secularizado, demonstra tão amplamente. De mais a mais, sendo a natureza humana o que é, uma vez que a religião deixa de ser de importância central para uma coletividade humana particular, os homens passam a lutar e a matar-se uns aos outros por questões muito menos exaltadas que sua fé celestial. Entretanto, ao incluir a questão da guerra em sua legislação sagrada, o Islã não perdoou, mas tentou limitar a guerra e suas conseqüências, como a história do mundo islâmico tradicional confirma. De qualquer forma, a idéia de guerra total e a prática real de extermínio de populações civis inteiras, não foi produzida por uma civilização cuja religião dominante julgasse o *jihād* positivamente.

No nível mais externo, o *jihād* menor também é aplicável no domínio sócio-econômico. Implica a reafirmação da justiça no ambiente exterior da existência humana, começando pelo próprio homem. Defender seus direitos e sua reputação, defender sua honra e a de sua família, é em si mesmo um *jihād* e um dever religioso. O reforço de todos esses vínculos, da família ao conjunto do povo muçulmano (*al-ummah*), que a *sharī'ah* enfatiza, também o é. Buscar a justiça social, de acordo com os princípios do Corão — mas não, é claro, no sentido secularista moderno — é uma forma de restabelecer o equilíbrio na sociedade humana (ou seja, de realizar *jihād*), como no caso de empreendimentos econômicos construtivos, desde que o bem-estar integral da pessoa seja lembrado e a prosperidade econômica não se torne um fim em si mesma; desde que, de fato, não se esqueça o versículo corânico: “O outro mundo é melhor para vós que este”. Esquecer a relação adequada entre os dois mundos seria o instrumento que ocasionaria o desequilíbrio e seria como que *jihād* ao inverso.

Todas essas formas externas de *jihād* permaneceriam incompletas e, na verdade, contribuiriam para uma exteriorização excessiva dos se-

res humanos se não fossem complementadas pelo *jihād* maior ou interior que o homem deveria realizar dentro de si; porque a nobreza do estado humano reside na tensão constante entre o que parecemos ser e o que realmente somos, assim como na necessidade de transcendermos a nós mesmos ao longo dessa viagem da vida terrena, a fim de nos tornarmos aquilo que “somos”.

Do ponto de vista espiritual, todos os “pilares” do Islã podem ser considerados como relacionados ao *jihād*. Os testemunhos (*shahādatan*) fundamentais, “Não há divindade que não Allah” e “Muhammad é o mensageiro de Allah”, por cuja declaração a pessoa se torna muçulmana, não são apenas afirmações a respeito da Verdade, vista pela perspectiva islâmica, mas são também armas para a prática do *jihād* interior. A própria forma da primeira letra do primeiro testemunho (*lā ilāha ill' Allāh*), escrita em caligrafia árabe, é como uma espada curva com a qual toda alteridade é removida da Realidade Suprema, enquanto que tudo que é positivo na manifestação retorna àquela Realidade. O segundo testemunho é a afirmação ofuscante da descida majestosa e poderosa de tudo que de modo positivo constitui o cosmos, o homem e a revelação daquela Realidade Suprema. Invocar os dois testemunhos na forma da linguagem sagrada em que foram revelados é praticar o *jihād* interior e efetivar a consciência de quem somos, de onde viemos e onde é nossa residência final.

As preces diárias (*salāh* ou *namāz*), que constituem o núcleo dos ritos islâmicos, são mais uma vez um *jihād* sem fim, que ponteiam a existência humana num ritmo contínuo em harmonia com o ritmo do cosmo. Executar as orações com regularidade e concentração exige o esforço constante de nossa vontade e uma batalha e um empenho contínuos contra o esquecimento, a dissipação e a indolência. Em resumo, é, por si só, uma forma de batalha espiritual.

Da mesma forma, o jejum do Ramadã, em que se usa a armadura da pureza interior e o desprendimento das paixões e tentações do mundo exterior, exige um ascetismo e uma disciplina interior que não podem ocorrer a não ser através de uma guerra santa interior. Tampouco o *hajj* ao centro do mundo islâmico, em Meca, é possível sem uma longa preparação, esforço, freqüentemente sofrimento e resistência à fadiga. Exige grande esforço e empenho, de modo que o Profeta pôde dizer: “O *hajj* é o melhor de todos os *jihāds*”. Como o cavaleiro em busca do Santo Graal, o peregrino à casa do Amado deve engajar-se numa luta espiritual cujo fim faz todo sacrifício e toda dificuldade parecerem

insignificantes; porque o *hajj* à Casa de Deus implica, para a pessoa que pratica *jihād* interior, um encontro com o Senhor da Casa, que também reside no centro daquela outra *Ka'bah* que é o coração.

Finalmente, a doação de *zakāt* ou taxa religiosa é, mais uma vez, uma forma de *jihād*, não só porque para separar-se de sua riqueza o homem precisa lutar contra a cobiça e a voracidade de sua alma carnal, mas também porque, através do pagamento de *zakāt* em suas várias formas, o homem contribui para o estabelecimento da justiça econômica na sociedade humana. Embora o *jihād* não seja um dos "pilares do Islã", em certo sentido reside no interior de todos os outros "pilares". Do ponto de vista espiritual, todos os "pilares" podem ser considerados como um *jihād* interno, essencial para a vida do homem do ponto de vista islâmico e que não se opõe, mas antes complementa, a contemplação e a paz que resulta da contemplação do Um.

As grandes estações de perfeição na vida espiritual também podem ser vistas da perspectiva do *jihād* interior. Desligar-se das impurezas do mundo a fim de repousar na pureza da Presença Divina exige um *jihād* intenso, pois nossa alma tem raízes profundamente fincadas no mundo transitório que o homem decaído toma erradamente pela realidade. Constitui igualmente *jihād* constante vencer a letargia, a passividade e a indiferença da alma, qualidades que se tornaram uma segunda natureza para o homem, como resultado de ele ter esquecido quem realmente ele é. Impedir a alma de dissipar-se externamente, como resultado de suas tendências centrífugas, e trazê-la de volta ao centro, onde residem a Paz Divina e toda beleza que a alma busca em vão no domínio da multiplicidade, isso é, novamente, *jihād* interno. Dissolver o coração endurecido numa fonte corrente de amor que abranja toda a criação em virtude do amor a Deus é efetuar o processo alquímico de *solve et coagula* interiormente; uma "obra" que não é senão uma batalha interior contra aquilo que a alma se tornou, a fim de transformá-la naquilo que ela "é" e nunca deixou de ser, se tivesse se tornado consciente de sua própria natureza. Finalmente, perceber que só o Absoluto é absoluto e que só o *self* pode definitivamente proferir "eu", é realizar o supremo *jihād* de despertar a alma do sonho do esquecimento e torná-la capaz de ganhar o conhecimento principial supremo, em razão do qual foi criada. *Jihād*, ou a batalha interior, considerada espiritual e esotericamente, pode ser considerado, portanto, ao mesmo tempo, a chave para a compreensão do processo espiritual total e o caminho para a percepção do Um que se situa no coração da mensagem islâmica total. O caminho islâmico para a perfeição pode ser concebido à luz do simbolismo do

jihād maior, a que se referiu o próprio Profeta do Islã, que fundou este caminho na terra.

Da mesma maneira como, a cada respiração, o princípio da vida, que funciona em nós independente de nossa vontade e enquanto for desejado por Aquele que nos criou, empenha-se através de *jihād* para vitalizar nosso corpo inteiro, a cada momento de nossa vida consciente deveríamos procurar efetuar *jihād*, não apenas ao estabelecer equilíbrio no mundo ao nosso redor, mas também ao despertar para a Realidade Divina que é a própria fonte de nossa consciência. Para o homem espiritual, cada respiração é uma lembrança de que ele dever continuar o *jihād* interior até despertar de todo sonho e até que o próprio ritmo de seu coração ecoe aquele Nome sagrado primordial pelo qual todas as coisas foram feitas e através do qual todas as coisas voltam a sua origem. O Profeta disse: "O homem está adormecido e, quando morre, ele desperta". Através do *jihād* interior o homem espiritual morre nesta vida a fim de que cesse todo o sonho, a fim de despertar para a Realidade que é a origem de todas as realidades, a fim de contemplar a Beleza de que toda beleza é apenas um pálido reflexo, a fim de atingir a paz que todos os homens buscam mas que só pode ser encontrada, de fato, através dessa prática.